

BRUNA RAMOS VIEIRA

**LUZ AOS *ALUNOS*: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A SOCIOLOGIA –
UM ESTUDO DE CASO**

Florianópolis, 2014

BRUNA RAMOS VIEIRA

**LUZ AOS *ALUNOS*: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A SOCIOLOGIA –
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal de
Santa Catarina como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Dr^a Nise M. T. Jinkings.

Florianópolis, 2014

BRUNA RAMOS VIEIRA

**LUZ AOS *ALUNOS*: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A SOCIOLOGIA –
UM ESTUDO DE CASO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais e aprovado com a nota 9,0.

Trabalho defendido e aprovado em 10/12/2013 pela banca examinadora:

Professora Dr^a Nise Maria Tavares Jinkings

Professora Dr^a Giane Carmem Alves de Carvalho

Professa Dr^a Márcia Grisotti

“Entrar no pensamento, já é agir. É estar na práxis por meio da qual se produz um sujeito transformado mais do que um produto conformado”.

Jean-Luc Nancy

RESUMO

Esse artigo tem como base empírica a realização do estágio docente supervisionado da Licenciatura em Ciências Sociais. Foi a partir das experiências e reflexões instigadas por ele, que surgiu a intenção de buscar compreender os conhecimentos que os *alunos* de ensino médio da turma 32 (turma 24 no período de estágio, em 2012) possuem sobre as ciências sociais e o que pensam sobre a disciplina de Sociologia – o que é, do que trata, sua finalidade, entre outras indagações. A escola pesquisada está inserida no contexto educacional brasileiro, mais especificamente de Florianópolis e chama-se Escola de Educação Básica Getúlio Vargas. O estudo fundamenta-se principalmente na Teoria das Representações Sociais, baseando-se nas contribuições de autores como Moscovici, Jodelet, Sá e Spink. Tal teoria emerge como alternativa para uma aproximação das concepções prévias desses estudantes, considerando a complexa realidade à qual pertencem e na qual influem e são influenciados. Para alcançar este objetivo utilizou-se como métodos de pesquisa o grupo focal, que se deu em um encontro com a nova turma dos estudantes participantes do estágio; um questionário semiestruturado aplicado durante o estágio e revisão bibliográfica. Constatou-se inicialmente que os estudantes possuem noções sobre a Sociologia, de modo que estes conhecimentos encontram-se permeados de elementos científicos e de seu imaginário. Alguns aspectos relacionados à disciplina encontram-se confusos e distorcidos, mas parecem dar conta, para eles, de suas necessidades. Consideraram-na importante e necessária para a compreensão do meio em que vivem, mesmo demonstrando dificuldades de identificá-la em diferentes momentos. Pode-se argumentar que o contexto da vida cotidiana desses estudantes, por se voltar para uma perspectiva de valorização do mundo prático e produtivo, pode interferir pendendo para que a prática, mais do que a teoria e a abstração, seja valorizada.

Palavras Chave: Representação Social. Disciplina de Sociologia. Ensino médio. *Alunos*.

ABSTRACT

This article is empirically based on the completion of the supervised teaching of Bachelor in Social Sciences. It was from the experiences and reflections instigated by him, which appeared at trying to understand the knowledge that high school students of class 32 (class 24 in probation period) have on the social sciences and what they think about the discipline of Sociology - that is, what is, its purpose, among other questions. The school studied is inserted in the Brazilian educational context, and more specifically of Florianópolis called Basic School Getúlio Vargas. The study is based mainly on the social representations theory, based on contributions from authors such as Moscovici, Jodelet, Sá and Spink. Such a theory emerges as an alternative to an approach of previous conceptions of these students, considering the complex reality to which they belong and in which influence and are influenced. To accomplish this we used research methods as the focus group, which was in a meeting with a new group of students participating in the internship, a semi-structured questionnaire was applied during the stage and literature review. It was found initially that students have some notions about the sociology of knowledge so that they are permeated by scientific evidence and its imagery. Some aspects related to discipline are confused and distorted, but seem to account for them, their needs. Considered it important and necessary to understand the environment they live in, even demonstrating difficulties in identifying it at different times. It can be argued that the context of everyday life of students, by turning to a valuation perspective the practical and productive world, can interfere hanging for practice rather than theory and abstraction, is valued.

Keywords: Social Representation. Discipline of Sociology. High school. Students.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	35
2. O CONTEXTO EDUCACIONAL EM QUESTÃO	39
3. DISCUSSÃO TEÓRICA	45
4. REFLEXÕES SOBRE OS DADOS.....	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	5:
ANEXO.....	64

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu com a necessidade de refletir sobre a experiência de estágio docente supervisionado, realizado nas fases finais da graduação de licenciatura em Ciências Sociais. Fez-se necessário um recorte dos desdobramentos desta vivência, delimitada aqui pelo estudo das Representações Sociais dos estudantes sobre a Sociologia. *Alunos* estes com os quais entramos em contato, eu e a minha dupla de estágio Stefania, durante o ano letivo de 2012. No primeiro semestre letivo do ano observamos as aulas da professora da turma e no segundo entramos em cena ministrando as aulas. A turma que nos recebeu era do 2º ano vespertino e identificada pelo número 24, agora turma 32 do 3º ano matutino da Escola de Educação Básica Getúlio Vargas, localizada no bairro Saco dos Limões, Florianópolis/SC.

Durante o período de estágio nos chamou atenção a apatia expressada pela turma durante as aulas da antiga professora, o que nos causou estranhamento e motivou as reflexões compartilhadas nos relatórios, bem como influenciou o tema escolhido para este trabalho. Também contribuiu para os elementos norteadores das aulas ministradas por nós, alguns conteúdos e métodos escolhidos na época. Nosso objetivo se tornou dar espaço de participação para aqueles estudantes, que julgávamos ter poucas oportunidades de se expressar oralmente. Tentávamos instigá-los de forma geral, a questionar e desnaturalizar certas ideias de maneira que pudéssemos valorizá-los, e também priorizamos diferentes atividades e oportunidades para se soltarem, se identificarem com o conteúdo de ensino. Tentamos conquistar o interesse da turma em relação a nós, assim como à Sociologia e à aula num todo.

Ao escrever o relatório, focamos aquela realidade singular, mas não deixamos de admitir as limitações existentes nas análises realizadas, uma vez que não abarcamos, e nem conseguiríamos, todas as questões que envolviam o cotidiano escolar e também a realidade mais ampla do sistema de ensino.

No decorrer do processo de elaboração das aulas que ministraríamos, julgamos necessário ter uma percepção inicial das impressões dos *alunos* acerca da Sociologia e sua finalidade antes de conduzir as aulas. Primeiro, porque consideramos importante os seus conhecimentos, e depois porque percebemos a ausência deste espaço para eles na relação com a professora responsável. Foi então que iniciamos tudo com a pergunta: O que é sociologia para você?

Havíamos aplicado também o questionário inicial proposto pela professora da disciplina na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). A pergunta sobre a Sociologia objetivou ter alguma noção de seus conhecimentos, ponto de onde partiríamos para conduzir os temas. Já o questionário nos permitiria acessar o universo sociocultural e econômico deles, além de nos auxiliar também na percepção da turma sobre a Sociologia, pois continha questionamentos como, por exemplo, qual a importância da disciplina, o que achavam das aulas, onde a Sociologia pode ser vista no dia a dia, etc.¹

Foi esta experiência teórico-prática, e o que foi encontrado a partir dela, que suscitou o interesse e a consciência sobre a importância em realizar/aprofundar estudos referentes ao que os estudantes concebem em relação à Sociologia. Afinal, as particularidades da experiência de estágio revelaram um momento inicial de aparente desvalorização desses sujeitos.

Salienta-se que este contexto faz parte de um sistema de ensino amplo, no qual a disciplina de Sociologia situa-se historicamente de modo intermitente,² por motivos econômicos e políticos. Ou seja, esse contexto também é marcado pela desconsideração com os estudantes e, portanto, com as demandas sociais que se apresentam. Este mesmo sistema, paralelamente, não oferece condições de trabalho adequadas para que os professores possam desempenhar bem sua atividade educativa, o que contribui para gerar invisibilidade àqueles que deveriam ser o foco na educação – os estudantes – uma vez que comumente os responsabilizamos pelo futuro do país.

Tendo em vista esta realidade, a percepção em sala de aula é de que estamos literalmente diante de *alunos*, ou seja, "aqueles que desproveem de luz própria",³ sem importância nos rumos do processo

¹Ver questionário na página 42 – Anexo.

²Ver histórico em introdução de BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**: Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006.

³“O termo *aluno*, segundo os filólogos, vem do verbo *alere*, do latim, que significa alimentar; porém, existe uma forma de leitura desse termo mais popular e semântica do que filológica que diz que “*aluno*” significa “aquele que não tem luz” e que teria sua origem também no latim, da seguinte forma: prefixo “*a*” (=negação) e “*lumen*” (=luz). Gosto dessa segunda versão, certamente, não correta do ponto de vista filológico, mas verdadeira do ponto de vista da prática cotidiana de ensinar. Nesse contexto de entendimento, agindo com nossos educandos como seres ‘sem luz’, só poderemos praticar

educativo. Por isso, nesse artigo a intenção continua sendo destinar um espaço a eles e o foco serão suas experiências, crenças, percepções e maneiras de vislumbrar a disciplina de Sociologia. Para tanto, será utilizada a Teoria das Representações Sociais como forma de chegar a uma descrição mais próxima da Sociologia a partir de suas noções. Ou seja, compreender e valorizar ainda mais a perspectiva, a voz e o conhecimento (luz) daqueles estudantes.

Assim, esta pesquisa tem por objetivo geral identificar/analisar as Representações Sociais dos estudantes da turma 32 (antiga turma 24) da Escola Getúlio Vargas sobre a disciplina de Sociologia. Sendo os objetivos específicos: a) Identificar e analisar as noções sobre o que é Sociologia, sua finalidade, do que trata a disciplina e sua importância; b) Identificar quais os processos anteriores que forneceram informação e conhecimento sobre a Sociologia; c) Identificar e analisar as experiências vivenciadas pelos estudantes em relação à disciplina de Sociologia durante o período de estágio.

Como métodos de pesquisa para o alcance destes objetivos foram utilizados um questionário semiestruturado aplicado durante o estágio; grupo focal, realizado no ano letivo seguinte, além de revisão bibliográfica. Sendo assim, o material utilizado para análise originou-se a partir de perguntas contidas no questionário semiestruturado e objetivou extrair diversas informações importantes sobre o universo dos estudantes, contribuindo conjuntamente com informações em relação à Sociologia, utilizadas nesta pesquisa. A análise é composta também pelo material originado a partir do grupo focal, realizado com a turma 32, no qual estavam presentes 15 pessoas de uma turma de 19. Desse total de estudantes, sete participaram do estágio no ano passado, sendo que cinco deles estavam em sala durante a atividade. As falas dos estudantes foram gravadas, transcritas e analisadas com fundamento no material bibliográfico composto pelo aporte teórico utilizado para as reflexões e discussões.

2. O CONTEXTO EDUCACIONAL EM QUESTÃO

A escola na qual foi realizada a experiência de estágio e também o campo empírico desta pesquisa faz parte da realidade educacional pública do estado de Santa Catarina. Embora as constatações dissertadas a seguir tenham sido levantadas no período estagiado, considera-se importante retomá-las, uma vez que demonstram

uma pedagogia depositária, bancária..., como sinalizou o prof. Paulo Freire. Nunca uma pedagogia construtiva” (LUCKESI, 2004).

alguns dos elementos que permeiam a realidade dos sujeitos pesquisados e contribuem, portanto, para a contextualização do objeto estudado. Ou seja, servirão para melhor compreender as representações sociais uma vez que estas são socialmente compartilhadas e, portanto, inerentes a um dado contexto histórico-social.

Sobre a instituição, de acordo com o seu Projeto Político Pedagógico (2006), comentado também no relatório de estágio, foi inaugurada pelo presidente Getúlio Vargas que leva seu nome e que, na ocasião, plantou uma árvore de pau-brasil no centro da escola. Já passou por inúmeras mudanças e hoje oferece aos estudantes os anos iniciais, finais, o ensino médio e o médio inovador (PPP, 2012).

Ao entrar pelos grandes portões de ferro, mal pintados e com resquícios de ferrugem, vislumbramos um grande espaço físico em potencial, mal preservado. Vazio, pálido, carrega em seu centro a única fonte de vitalidade e força, uma árvore (VIEIRA e LORENZINI, 2012, p. 8).

A estrutura física é ampla e possui quadra de esporte ao ar livre e também um ginásio, muitas árvores espalhadas, um auditório equipado com um aparelho *data show* muito disputado pelos professores, um laboratório de informática igualmente procurado e outros laboratórios voltados para disciplinas como biologia e que se encontram um pouco desprezados. Inclusive, em uma das aulas que ocupou um desses laboratórios devido à necessidade de passar um vídeo, a caixa de som de computador levada pela dupla estagiária para suprir a falta do instrumento didático e permitir o acesso dos estudantes ao conteúdo, foi queimada por faltar estabilizador para o computador existente no local. O que acarretava risco de queimar também o computador, o único deste laboratório.

Há uma biblioteca considerável, mas constatamos que não há a presença constante de um (a) bibliotecário (a). Os banheiros são precários, sujos, e muitas vezes exalam odor ruim. As paredes da escola não disfarçavam a falta de pintura/manutenção assim como algumas partes dos tetos que estavam sem forros. Faltavam ventiladores funcionando ou que dessem conta dos dias de calor. A porta da sala de aula em que ministramos a maior parte das aulas estava com a fechadura quebrada e foi o motivo pelo qual ficamos trancados alguns minutos certa vez. Uma situação esdrúxula, que foi solucionada por uma

estudante que já havia desenvolvido técnicas e habilidades para resolver o problema e liberar os colegas.

Tanto se tratava de uma situação de precariedade do espaço físico que, no início deste ano, 2013, aconteceu um acidente que levou a escola a ser interditada pela defesa civil por dois meses, até adequar minimamente alguns quesitos para então voltar à normalidade. Após a reforma o prédio encontra-se com uma pintura melhor, sem forros prestes a cair. Talvez outras mudanças possam ter sido feitas, mas, não as identifiquei ao retornar à instituição.

O espaço escolar está inserido em um bairro residencial visivelmente marcado por grupos familiares oriundos de classe média e classes mais empobrecidas. Os *alunos* (questionados durante o estágio) eram em sua maioria moradores do mesmo bairro da escola e também da Costeira do Pirajubaé, localidade vizinha e que apresenta características semelhantes quanto aos grupos familiares.

Através do questionário semiestruturado foi possível observar também que dos treze *alunos* que o responderam na época apenas quatro são trabalhadores. E que a escolaridade dos responsáveis pelos discentes é em sua maioria expressada pelo nível médio incompleto e em seguida pelo nível médio completo, sendo que apenas um dos responsáveis mencionados teve acesso ao nível superior, não concluído.

Quando indagados sobre o motivo que os leva a cursar o ensino médio a maioria assinalou a alternativa “Para garantir uma melhor colocação no mercado de trabalho”. Nesta mesma questão foi permitido assinalar mais de uma opção, e a segunda mais escolhida foi aquela que mencionava o vestibular. A maioria dos estudantes não tem filhos e reside em casa própria com acesso a internet. Quanto ao uso deste recurso disseram que utilizam com frequência em atividades como confeccionar trabalhos de aula e para lazer. A maior parte deles nunca fez nem faz parte de movimentos sociais e alguns poucos participam de movimentos religiosos.

No que tange a relação da comunidade com a escola, foi percebido e descrito no relatório que esse vínculo se dava de forma fragmentada e pontual, como por exemplo, em reuniões de pais e professores no início do ano letivo. O que nos fez concluir que de modo geral o PPP não era cumprido neste aspecto e que este contato, ou a falta dele, é muito importante no processo educacional em um sentido mais amplo.

Os alunos/as aprendem e assimilam teorias, disposições e condutas não apenas como

consequência da transmissão e intercâmbio de ideias e conhecimentos explícitos no currículo oficial, mas também e principalmente como consequência das interações sociais de todo tipo que ocorrem na escola ou na aula (GÓMEZ *apud* VIEIRA e LORENZINI, 2012, p. 8).

Inclusive o PPP aborda princípios que destacam a importância da esfera coletiva na vida/formação do homem diante da realidade individualista e conflitante na qual vivemos e que necessita ser superada.

Na sala de aula, em um contexto ainda mais específico, a professora de Sociologia ministrava aulas caracterizadas por uma didática tradicional (aula expositiva sem diálogo, provas objetivas, postura de autoridade diante da turma, etc.) e estava sendo inegavelmente influenciada e até mesmo limitada em certos aspectos pela realidade precária, estafante e mal remunerada de professora.

Além disso, percebemos desta vez sobre os *alunos*, que o silêncio constante e a falta de participação demonstravam antes de qualquer coisa uma situação complexa, onde muitos fatores atuavam. Mas, identificamos nestas reações a possibilidade de um artifício utilizado por eles para confrontar/resistir à didática da professora, *quiçá* à realidade precária evidente no ambiente físico escolar também, pois aparecia como frequente ponto negativo nos questionários aplicados no início do estágio. Condição que deixava qualquer um em estado de desânimo, inclusive nós. Ou ainda a obrigação de estar ali, prevista em lei, também poderia explicar tais expressões.

A visão conteudista que a professora expressa ao dar aulas expositivas e que relativamente se limitam ao livro, assim como os tipos de exercícios – voltados para o Enem – aplicados com limite de tempo, proporcionam um rompimento com aquilo que a sociologia poderia proporcionar para efetivação dos ideais e princípios contidos no PPP. Ou seja, a potencialidade de reflexão crítica sobre o meio em que vivem, no qual interferem e pelo qual são influenciados a todo instante (VIEIRA e LORENZINI, 2012, p. 17).

Na ocasião o que se via era apatia, desinteresse e um profundo silêncio que foi minimamente cedendo espaço para as potencialidades da turma, mas, como o tempo era curto para tal façanha e a realidade do

ensino escolar e da Sociologia é muito mais abrangente, não conseguimos modificar aquele contexto como gostaríamos, mesmo porque seria demasiada pretensão. As reflexões naquele trabalho se focaram na relação da professora com os *alunos* e o processo de ensino aprendizagem desenvolvido a partir deste cenário relacional imbricado e complexo. Foi evidenciada por nós (dupla) esta dimensão, sem desconsiderar os aspectos estruturais inegáveis que compõe a realidade na qual esta escola e os sujeitos pertencentes a ela encontraram-se.

A realidade educacional brasileira, assim como outras áreas da vivência humana, está diante de dilemas postos pela contemporaneidade, em que importantes transformações sociais se desenvolvem. Ianni (1997) aponta os desafios da Sociologia diante deste quadro e discute a necessidade de que sejam repensadas suas perspectivas e fronteiras. Jinkings (2011) comenta algumas das diversas possibilidades de expressão e evidência desse contexto crítico, como o aumento das desigualdades sociais, a violência urbana sem limites, a precarização do trabalho, o impasse sobre a questão climática mundial. Ou seja, neste cenário de crise o ensino é afetado, a Sociologia, a população como um todo.

Dentre as implicações geradas também está o fato de a disciplina de Sociologia ter sido retirada e colocada nos currículos inúmeras vezes pelas reformas realizadas no ensino nacional. Isso prejudicou em muitos aspectos a contribuição desta ciência na educação dos jovens frente aos desafios postos. De acordo com Meksenas (1994), sua ausência dos currículos além de ter causado danos irreparáveis à educação, faz com que a reintrodução da disciplina seja problemática. O autor se refere aos anos 1990, quando a disciplina não era obrigatória nos anos finais da educação básica e se inseria como disciplina optativa nos currículos, não sendo, portanto, ministrada em todas as escolas. Além de ter um número de aulas reduzido em comparação com outras matérias o que lhe confere caráter de disciplina complementar e passível de ser ministrada por professores de outras áreas, realidade comum até hoje e presenciada no processo de estágio.

Dentre os períodos de idas e vindas da disciplina, a atual situação é regida pela Lei nº 11.684, de 2008 que incluiu na Lei de Diretrizes e Bases nacionais da educação (LDB) a obrigatoriedade do ensino de Sociologia e Filosofia nos três anos do ensino médio.

Florestan Fernandes (1980) faz uma crítica aos moldes do ensino médio de seu tempo, sendo possível de ser identificado ainda hoje - no que tange a falta de correspondência para com as necessidades

gerais do meio social -, onde os propósitos do ensino constroem uma formação estática, influenciada pelos interesses de uma minoria. A LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 foi um passo importante dado em âmbito nacional, mas que demonstra elementos daquele mesmo molde, por exemplo, quando fala no Artigo 35 inciso I sobre as finalidades do ensino médio, dentre elas "a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos".

As condições peculiares de formação da sociedade brasileira exigem muito mais do ensino. Este não poderá operar como <instrumento consciente de progresso social> enquanto não for organizado tendo em vista essas condições - seja para corrigir os seus efeitos negativos, seja para alterá-las em um sentido socialmente construtivo - e as funções dinâmicas da escola, em qualquer dos seus níveis, nas comunidades rurais ou urbanas (FERNANDES, 1980, p. 115).

Embora a disciplina de Sociologia tenha sido considerada obrigatória em Santa Catarina antes de alguns Estados, Jinkings (2011) aponta o quadro situacional da disciplina na Grande Florianópolis, de maneira que expressa desdobramentos semelhantes ao restante do país, em que questões sociais mais amplas acompanham a realidade contemporânea capitalista, afetando demasiadamente a educação e o sistema público de ensino. As questões mais específicas como o trabalho pedagógico e a atividade docente estariam, portanto, atravessadas de forma expressiva por essas questões estruturais advindas de uma sociedade marcada pela desigualdade.

Neste trabalho, a Teoria das Representações Sociais será utilizada como fundamento teórico para conhecer o que aqueles estudantes pensam sobre a Sociologia, considerando a realidade que compõe o universo deles. Pois, trata-se do desconhecimento sobre suas percepções e das complexidades a elas envolvidas, o que pode contribuir para gerar inúmeras dificuldades como as encontradas durante o estágio. Será proporcionado mais espaço para aqueles que na verdade não são desprovidos de luz, mas, impedidos de mostrar a sua intensidade. "Um dos desafios que o professor tem de enfrentar permanentemente, do primeiro ao último dia de aula, é trabalhar com o senso comum e, ao mesmo tempo, desenvolver uma visão crítica desse senso comum" (IANNI, 2011, p. 329).

3. DISCUSSÃO TEÓRICA

O termo representação social, em um primeiro momento, pode parecer simples ou confundir-se com outros termos e conceitos comumente utilizados e empregados na literatura e no senso comum. Por exemplo, de acordo com o Dicionário Básico de Filosofia (1996, grifo meu):

Concepção É a operação pela qual o **sujeito** forma, a partir de uma experiência física, moral, psicológica ou **social**, a representação de um objetivo de pensamento ou conceito. O resultado dessa operação também é chamado de concepção, praticamente sinônimo de teoria (s/p).

Crença: Atitude pela qual afirmamos, com certo grau de probabilidade ou de **certeza**, a realidade ou a verdade de uma coisa, embora não consigamos comprová-la racional e objetivamente (p.58).

Opinião: Juízo baseado numa crença acerca da verdade de algo, entretanto sem justificativa teórica ou exame crítico. [...] é, portanto, sempre **relativa a quem a sustenta e às circunstâncias em que é emitida** (p. 201).

Percepção: Ato de perceber, **ação** de formar mentalmente representações sobre objetos externos a partir dos dados sensoriais (p.210).

Representação: Operação pela qual a mente tem presente em si mesma uma **imagem** mental, uma ideia ou um **conceito** correspondendo a um objeto externo. A função de representação é exatamente a de tornar presente à consciência a realidade externa, tornando-a um objeto da consciência, e estabelecendo assim a relação entre a consciência e o real (p. 235).

Com estas breves definições, pode-se observar que a representação se aproximaria da concepção que, por sua vez, parece vir antes daquela numa operação mental. Mas se afasta de todas as definições quando traz a mente e a imagem presente em si mesma, a questão dela ser colocada enquanto consciência e a relação com uma suposta realidade. Ou seja, dentre os termos descritos aparenta desde já ser mais complexa. No entanto, junto com eles parece apontar para a

existência de fenômenos de significações importantes, ao menos para uma reflexão acerca das representações sociais. No dicionário acima, foi evidenciado o sujeito, mas, o limiar entre o que é individual e o coletivo será um dos aspectos a serem discutidos posteriormente.

As representações sociais envolvem limites e imbricações em relação ao indivíduo e o meio social no qual ele está inserido, de tal maneira que um interfere no outro reciprocamente, tendo sido estas e outras questões responsáveis por instigarem teóricos e a estimularem aproximações entre diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para discussões no meio filosófico, antropológico, da história e entre psicólogos e sociólogos que buscam entendê-las, discuti-las bem como as esclarecer. Falar sobre elas é adentrar em um campo de realidades construídas, práticas, que abrange dimensões psicológicas e cognitivas e também societárias, podendo ser vistas não apenas como uma teoria ou método científico, mas enquanto ciência composta por teorias populares e que busca tornar tangíveis processos, práticas e conhecimentos outrora analisados separadamente.

A teoria das representações sociais desenvolvida pelo psicólogo social francês Serge Moscovici teve seu início com a pesquisa referente ao pensamento social sobre a psicanálise. Foi influenciada pelos estudos do sociólogo Durkheim que segregava as representações em individuais e coletivas. De acordo com ele,

As representações coletivas remetem para conhecimentos estáveis e transgeracionais partilhados pelos membros de uma dada sociedade. Nesse sentido, sustentam um conjunto de normas e condutas a respeitar e constituem um sistema de pressão sobre os membros de uma comunidade (DURKHEIM *apud* CAZALS-FERRÉ; ROSSI, 2007).

Em contrapartida, para Sá (1993) é tão importante considerar os comportamentos individuais quanto os fatos sociais como, por exemplo, as práticas, sem esquecer-se de sua particularidade histórica. Assim como deveria importar também os conteúdos dos fenômenos psicossociais e a participação dos estados e processos individuais na construção das realidades sociais.

A RS⁴ é pensada por Moscovici (1961/1976 *apud* JUSTO, 2012, p. 11) enquanto "um fenômeno diferente, que, ao contrário do proposto por Durkheim em relação ao pensamento coletivo, caracteriza-se pela dinamicidade, heterogeneidade e por referir-se a grupos específicos, e não à sociedade como um todo". Considera uma sociedade contemporânea em que os fenômenos representacionais envolvidos são diversos, mutáveis, e o cotidiano os revelaria. Spink diz que as representações sociais,

Sendo produzidas e apreendidas no contexto das comunicações sociais, são necessariamente estruturas dinâmicas. É esta característica de flexibilidade e permeabilidade que as distingue, conforme afirma Moscovici (1989), das representações coletivas de Durkheim [...] (SPINK, 1993, p.305).

O trabalho iniciado pelo psicólogo social proporcionou um avanço no que se refere à dicotomia entre representações coletivas e representações individuais, pois contribuiu para uma ruptura na separação indivíduo-sociedade. Embora também exista nessa situação o risco constante denunciado por Jodelet (1984 *apud* SÁ, 1993, p. 24), onde pode ser privilegiado um elemento em detrimento do outro. Em outras palavras, uma vez que se trata de uma forma de conhecimento, há o risco de se reduzir as RS a uma dimensão interindividual em que o social aparece com menos importância, assim como o de se diluir o pensamento social em fenômenos culturais ou ideológicos.

As representações são sociais porque se originam coletivamente e mais importante do que definir quem produz a representação, é o motivo pelo qual ela é criada. Argumenta Moscovici ao colocar o seguinte:

Saber 'quem' produz esses sistemas é menos instrutivo do que saber 'por que' se produzem. Em outras palavras, para se poder apreender o sentido do qualificativo social é preferível enfatizar a *função* a que ele corresponde do que as circunstâncias e as entidades que reflete. Esta lhe é própria, na medida em que a representação contribui exclusivamente *para os processos de formação de condutas e de orientação das*

⁴ A sigla RS será utilizada para denominar representação (ões) social (ais).

comunicações sociais (MOSCOVICI, 1978, p.76-77).

A função das RS estaria relacionada aos sentidos que precisam ser designados às coisas, objetos sociais ou naturais, situações e comunicações, de tal forma que se tornem próximos e, portanto, atribuiriam sentido a eventos corriqueiros, considerados normais. Representar seria então fundamental para a identidade dos envolvidos e para a sensação de pertencimento enquanto grupo. É uma lógica onde os sujeitos interferem na dinâmica e são influenciados por ela, harmonicamente ou não.

As representações sociais são produzidas e compartilhadas coletivamente e não podem ser confundidas com simples opiniões emitidas sobre um assunto, no caso deste trabalho, a Sociologia. Como argumenta Sá (1993), estas explicações/afirmações vão além de simples opiniões, pois, articulam diferentes objetos e questões em uma lógica própria, que por sua vez encontra-se envolvida em uma estrutura tomada por implicações e para a qual há a colaboração através de, por exemplo, julgamento valorativo, que por fim, é composto de diferentes origens e experiências, sendo elas grupais ou pessoais.

Esse conjunto de explicações e avaliações, retomando Moscovici (1978), se organiza de forma distinta dependendo do grupo/meio social. O que permite gerar inúmeros universos de opinião subdivididos em três dimensões: a informação, o campo de representação (ou a imagem) e a atitude. A primeira diz respeito à organização do conhecimento, que pode possuir níveis. A segunda refere-se à ideia de imagem, uma forma concreta e limitada que considera um aspecto do objeto. Já a última, evidencia a posição (orientação global) como exemplo, favorável ou desfavorável, relacionada ao objeto. Estas dimensões, relacionadas à natureza social das RS, permitem visualizar o conteúdo existente e o sentido atribuído a ele.

Nesta organização realizada pelo teórico, outros universos de pensamentos são importantes de serem citados: os universos consensuais e os reificados. O primeiro abrange os processos da interação social cotidianos, está mais vinculado a sentimentos compartilhados plausíveis do que às objetividades. Aqui se encontra as RS sobre bases de pensamentos tradicionais (mais estáveis). O outro contempla o pensar científico, sua objetividade e rigor metodológicos que lhe são peculiares. É importante salientar que o que existe nas

realidades consensuais pode provir daquelas reificadas. Afirmar ainda que

A representação, permitindo a tradução de numerosos conflitos normativos, materiais e sociais, implanta os materiais científicos no meio ampliado de cada um. Ao mesmo tempo, ela motiva e facilita a transposição de conceitos e teorias considerados esotéricos para o plano do saber imediato e permutável; e de fato, tornam-se instrumentos de comunicação (MOSCOVICI, 1978, p.78).

Em seus estudos sobre as RS da psicanálise, é possível perceber que nessa dinâmica os processos acontecem mutuamente, ou seja, sendo as representações sociais voltadas para um maior entendimento do mundo a nossa volta e para a comunicação, elas se apropriam de termos e expressões científicas – veiculadas das mais variadas formas no mundo contemporâneo –, lhe fornecendo uma significação singular e que faz sentido para os que as apreendem e as repassam. Assim como retorna e compõe os estudos científicos, embora aconteça de maneira distinta da anterior. Será através da teoria científica que os significados serão interpretados e organizados de forma sistemática.

É conveniente ressaltar que neste mesmo cenário o conhecimento da população, do dia-a-dia, é visto como legítimo e verdadeiro enquanto saber do senso comum. A conotação atribuída aqui ao senso comum não é de inferioridade, pois quando analisado a partir de sua origem é compreensível e compõe as explicações necessárias para os sujeitos darem sentido aos objetos. Trata-se de uma forma de conhecimento que constrói, na interação, uma realidade comum para o grupo ou conjunto social, ou seja, é importante socialmente e isso a legitima.

Na tentativa de esclarecer um pouco mais sobre a teoria, cita-se Moscovici (1978) e sua comparação entre a função das RS com a da ciência física e astronômica, de forma a evidenciar a característica daquela que lida com a realidade instável (social) e não com situações ideais e puras. É como se o objeto nos estudos das RS pudesse ser ou fosse mais próximo da teoria científica que o estuda, do que o planeta que gira ao redor do sol de sua teoria heliocêntrica. Relação esta que permitiria então, que por um lado as RS compusessem e também refizessem a ciência através das relações sociais, e por outro tomassem a posição dela. Em outras palavras, hora a RS está compondo estudos

científicos, outrora é influenciada pela ciência através, por exemplo, de seu linguajar.

Ainda com a intenção de discriminar as RS e sob uma perspectiva psicossociológica, entende-se que elas permitem e apenas fazem sentido em uma sociedade capaz de pensar, onde “Trata-se, com certeza, de uma compreensão alcançada por indivíduos que pensam. Mas, não sozinhos” (JODELET *apud* SÁ, 1993, p.27). Significa dizer que diante da contemporaneidade, as relações, a comunicação, a mídia de massa, são fundamentais para ilustrar a capacidade das pessoas inseridas nesta realidade de lidar com múltiplos fragmentos de informações. Capacidade esta que se dá tanto em uma esfera cognitiva como social e de forma recorrente, ao mesmo tempo, sem uma ordem específica e linear.

Sendo assim, os indivíduos são pensadores ativos em um meio relacional no qual “produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos” (MOSCOVICI *apud* SÁ, 1993, p.28). Para tanto, ressalta-se que esta configuração não se aplica necessariamente a todas as formas de conhecimento existentes. Por fazer sentido nesse contexto social pensante, a RS

[...] merece plenamente, e de modo autônomo, seu caráter social em primeiro lugar porque contribui para definir um grupo social em sua especificidade [...] Em segundo lugar, pelo fato mesmo de que ela é um dos instrumentos graças ao qual o indivíduo, ou o grupo, apreende seu ambiente, um dos níveis em que as estruturas sociais lhe são acessíveis [...] (HERZLICH *apud* SÁ, 1993, p.32).

Isto posto, torna-se interessante pontuar também que a teoria das representações sociais por ser complexa, possibilita a articulação entre o que é manifestação individual a partir das tendências do grupo, tradicional (produto, mais estável), e o que é intraindividual, criativo e modificador (produtor) da realidade social. Nesses moldes, de acordo com Spink (1993) o social não prevalece em relação ao indivíduo nem mesmo o contrário e para que essas RS sejam compreendidas faz-se necessário considerar as condições em que foram produzidas.

O contexto mais instável possibilitaria conflitos, contradições e diversidades, no discurso social, legitimando o entendimento sobre as RS enquanto processo, ou melhor, *práxis*, uma vez que tem “como

ponto de partida a funcionalidade das representações sociais na criação e na manutenção de uma determinada ordem social” (SPINK, 1993, p.306).

A RS enquanto conhecimento prático possui diferentes funções, dentre as mencionadas no texto de forma sintética, está a função social: orientação das condutas e das comunicações; a afetiva: proteção e legitimação de identidades sociais; e por fim a cognitiva: familiarização com a novidade (SPINK, 1993, p.306). Levando-se em conta a parte de estruturação, aparecem então as categorias conceitual e figurativa, bases que sustentam a função cognitiva das RS.

É possível compreender que na dimensão mental, representar implica em organizar aquilo que outrora causava estranhamento, da mesma forma que o que já se fazia presente precisou ser tocado e considerado, necessariamente, e que nesse raciocínio há uma (re) significação e organização de tudo. Portanto, acontece um retorno ao que é definido como comum, familiar, ou seja, ao que faz sentido para quem representa, mas, não nos mesmos moldes iniciais. Elas, as RS, são delineadas e comunicadas.

Há uma estrutura na qual se dá as RS e uma forma de visualizar como se processa sua natureza psicológica. Moscovici (1978) a dividiu e chamou de objetivação e ancoragem, “faces da mesma moeda”. A primeira etapa se dá a partir de uma elaboração real (material), através de imagens, de esquemas conceituais (abstratos). “Objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as [...] É também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo [...] É importante porque forma a cultura, por exemplo” (MOSCOVICI, 1978, p.111-12). E está vinculada à apropriação popular de uma teoria científica. Para Spink (1993) é desenvolvida em três momentos: primeiro a descontextualização da informação através de critérios normativos e culturais; em seguida a formação de uma estrutura (núcleo) que reproduz de maneira figurativa uma estrutura conceitual; e a naturalização, a transformação das imagens em elementos da realidade.

Já a segunda, feita na realidade social vivida, é responsável por inserir e organizar o objeto, mantendo uma ordem que se entrelaça com a existente,

“[...] traz o objeto para dentro de uma rede de significações, [...] permite a integração do novo, a interpretação da realidade [...] torna, desta forma, a comunicação possível, uma vez que é feita em

uma mesma linguagem e de acordo com as mesmas referências”.

Isso é possível também, porque neste processo é realizada a *classificação*, que permite a escolha de um elemento existente na memória comparando-o com o objeto a ser representado e assim avaliando-o, e a *denominação*, que nomeia este objeto e o localiza em meio à identidade cultural existente (MOSCOVICI *apud* SÁ, 1993).

Nessa “composição da realidade” o elemento novo surge e permite que sob a perspectiva da tradição existente, o velho, o habitual, possa ser mantido, mas, também que a esfera singularizada do indivíduo, representante dessa realidade grupal, possa induzir modificações, disseminadas de alguma forma, permitindo sempre (re) construções. Aqui, os diferentes universos atuam ao mesmo tempo e contribuem para este ininterrupto movimento coletivo.

De acordo com Spink (1993), o estudo das RS mostra que a concomitância desses conteúdos, os mais estáveis (estruturados) e daqueles mais dinâmicos (estruturantes), mais passíveis de serem alterados, faz com que as RS sejam “tanto a expressão de permanências culturais, como são o lócus da multiplicidade, da diversidade e da contradição”. Explica também que enquanto socialmente estruturada, a RS possui contextos de curto e longo alcance histórico, sendo o contexto de longo alcance intitulado *imaginário social* e definido como “o conjunto cumulativo das produções culturais que circulam numa determinada sociedade sob formas as mais variadas: [...] literatura, provérbios, mitos [...]” (SPINK, 1993, p.305).

O autor argumenta que estas produções são influenciadas por uma visão de mundo predominante em um momento histórico específico, assim como em uma instância menor, o grupo também o filtraria. No entanto, as RS não seriam um apanhado de tudo e com uma ou outra modificação, elas são produtos da ciência. “[...] a representação [...] surge da costura que só o olhar do/a pesquisador/a pode fazer, numa perspectiva, como denominou Jodelet (2003), holística e integradora” (JODELET *apud* ARRUDA, 2005).

4. REFLEXÕES SOBRE OS DADOS

Na aplicação do questionário e na dinâmica do grupo focal os estudantes foram instigados a tirar possíveis dúvidas, a fazer comentários e reflexões sobre as perguntas feitas de modo que proferissem seus conhecimentos, crenças, opiniões sobre o tema, por

meio da escrita na primeira intervenção e da fala na segunda. As perguntas que conduziram o diálogo durante o grupo focal foram construídas considerando leituras específicas sobre o assunto realizadas previamente. As perguntas contidas no questionário que contribuiriam para esta análise foram igualmente consideradas.

Os questionamentos feitos a eles foram os seguintes: O que é Sociologia? Qual a sua finalidade? Do que fala a disciplina? Qual a sua importância? O que acham da Sociologia, das aulas, gostam? Por quê? Onde ouviram falar sobre a Sociologia? No dia-a-dia, onde percebem a Sociologia? O que acharam sobre a disciplina de Sociologia apresentada durante o estágio e a anterior?

Antes de entrar na exposição e análise dos resultados, é importante ressaltar que a turma 24, com a qual passamos o período inteiro de estágio (um ano letivo), tinha um número maior de estudantes matriculados do que os que realmente frequentavam as aulas. Nesse ínterim tiveram ainda mais pessoas que saíram da turma por motivos de emprego e mudança de bairro. Ao retornar este ano percebi maiores mudanças, e soube informalmente em conversa com alguns estudantes que mais colegas saíram da escola, agora em função da interdição da instituição no início do ano, mas também por motivos de trabalho e outras causas não conhecidas. Isto mostra a realidade do ensino público e também a etapa de vida em que vivem estes estudantes em relação ao trabalho, necessitando dele para sua sobrevivência. Decorre que estes fatos inescapáveis influem também nesta pesquisa, uma vez que, embora com um número maior de pessoas em sala, a turma deste ano é composta em sua maioria por novos estudantes.

Os resultados inicialmente obtidos podem ser visualizados a partir das oito categorias nas quais foram organizados, considerando as questões direcionadas aos estudantes acerca da Sociologia e o que surgiu no desenvolver da pesquisa. As expressões orais dos estudantes estarão dispostas com quase nenhuma alteração, tendo sido desconsideradas gírias, por exemplo, ou trechos não audíveis na transcrição. As respostas escritas pelos estudantes nos questionários serão citadas também, principalmente no decorrer dos comentários e análises realizadas. A disposição dos dados dar-se-á também de forma que cada número indicará uma expressão diferente de estudantes distintos.

A Sociologia

Sobre o que é a Sociologia, colocaram o seguinte:

1) Estudo da sociedade; 2) estudo das relações sociais; 3) a forma como a sociedade se organiza; 4) estudo das relações dentro da sociedade; 5) a Sociologia pode ser tudo; 6) estudo dos grupos na sociedade.

Algumas respostas relacionaram a Sociologia a outras disciplinas escolares:

1) A primeira impressão é que parece um pouco História, uma matéria que é História com Filosofia, é para pensar sobre a sociedade também, desde a antiguidade até hoje na sociedade contemporânea; 2) é uma forma de pensar, é uma Filosofia da História, acho que a Sociologia faz isso.

Alguns estudantes deixaram estas linhas em branco ou afirmaram não saber descrever. Na conversa, ao serem mencionadas a Antropologia e a Ciência Política associaram a primeira ao estudo do homem sem relacionar qualquer aspecto aos assuntos estudados em sala. No estágio foram tratados de forma breve os movimentos sociais e recentemente estão estudando Estado, ditadura. Mas não associaram esses conteúdos de ensino à Ciência Política, assim como não associaram a cultura - mencionada em outras situações como estudo da sociologia - à Antropologia.

Seu fim

A finalidade da Sociologia aparece como sendo:

1) Para fazer a gente pensar, mudar como a gente pensa, para abrir a cabeça para mais coisas; 2) entender o comportamento entre os grupos da sociedade que são diferentes, para entender as culturas.

Nesta parte o objetivo da Sociologia foi abordado também enquanto instrumento para enxergar a realidade, como contribuição para que não nos iludamos em relação ao meio em que vivemos.

Seu conteúdo

Quando questionados sobre do que trata a Sociologia, muitos não souberam responder ou comentar. Um estudante colocou que:

1) Ela fala mais dos problemas sociais. Outro que: 2) na Sociologia a gente aprende sobre as culturas no mundo, as pessoas nos grupos, e têm vários grupos diferentes no mundo, asiáticos, ocidentais, e a Sociologia analisa tudo isso.

Durante o grupo focal foi perguntado se lembravam de algum autor, teoria, e os únicos citados foram Marx, Durkheim e Simmel. Já

nos questionários também mencionaram Weber. Nas duas circunstâncias a maioria não sabia relacionar os autores às teorias e um deles disse que Marx foi o fundador das ideias do socialismo, comunismo.

A importância

Referente à importância da disciplina assinalaram:

1) É importante sim, porque no ser humano uma das coisas mais importantes é a inteligência e ele é um ser social. Porque nenhum outro ser tem essa inteligência e se importa com as pessoas [...].⁵ A Sociologia ajuda nisso, para entender a parte social. Para compreender mais a sociedade onde vivemos. A importância é que a gente descobre coisas que a gente não sabia; 2) discutir sobre sociedade, preconceito, discriminação, muitos assuntos em geral, que não vemos nas outras matérias. É muito grande a importância até porque tudo se identifica com a Sociologia, ela está em tudo e em todos; 3) sociologia é importante porque ela fala sobre os tempos de hoje em dia. Acho que para adquirir bastante conhecimento geral é bem interessante; 4) a Sociologia está sempre envolvida nas outras matérias, ou seja, sim, acho muito importante; 5) é importante para entendermos e nos adaptarmos às leis e aos costumes da sociedade.

Quando questionados sobre a importância da sociologia no trabalho, praticamente todos afirmaram não ter relevância. Um estudante afirmou que tem, para a vida em geral, para se enturmar mais com as pessoas.

Gostos e desgostos

Alguns afirmaram gostar da disciplina e associaram o gosto à antiga professora. Outros expuseram reprovação justamente por causa da maneira com a qual a professora conduzia as aulas e os temas tratados em sala. No entanto as colocações vão além:

1) É legal, mas, a Sociologia faz a gente pensar demais e às vezes esse é o problema; 2) ajuda a pensar de outra maneira; 3) sim, porque serve pra gente ver cada vez mais como o nosso país é podre; 4) a Sociologia mostra a realidade que é a sociedade mesmo. Porque a gente não tinha noção nem falava sobre movimento gay, por exemplo, do governo. Não se falava abertamente, e aí se tem um espaço para isso, para falar de

⁵ Nestas partes o áudio não foi possível de ser transcrito devido à má qualidade, por isso a necessidade de omitir o trecho.

coisas que são reais e que a gente não tinha noção; 5) a sociologia abre a tua cabeça para o que a mídia televisiva está divulgando, tipo, a mídia fala que não tem repressão [...]. Após esta fala uma estudante acrescenta que a situação descrita anteriormente pode mudar, e mais: 6) é igual estudamos ano passado, que vocês (dupla de estágio) fizeram a gente pensar que nós não precisávamos sair daqui pra fazer alguma coisa, que na escola a gente pode fazer um grêmio pra pedir pra pintar, melhorar, pra exigir nossos direitos; 7) as aulas de Sociologia, por ser uma matéria que envolve os alunos com os professores, quebra aquela monotonia de sempre; 8) trás informações e métodos de estudo variados; 9) as aulas são legais e o conteúdo é bem variado.

Fontes de informação

Aqui os estudantes explicam que tiveram contato com a Sociologia, ou escutaram falar, apenas na escola. Apenas uma estudante teria entrado em contato também em ambiente familiar.

O cotidiano

No dia-a-dia a maioria deles não sabe apontar onde encontram a Sociologia. Alguns elencam:

1) Na cultura; 2) movimentos sociais; 3) tudo o que nos cerca, como a família; 4) ir à igreja e pode ir ao emprego; 5) “A vida nervosa”⁶, ou seja, estresse com filas e o barulho da cidade; 6) comunicação; 7) globalização; 8) quando vejo uma prisão ou apreensão de maconha enquanto política de Estado que proíbe.

A Sociologia no estágio

Aqui apenas os participantes do estágio fizeram suas observações:

1) A professora deixava a aula mais difícil, a Sociologia ficava mais distante pra gente. Ela era muito séria e aquilo que ela dizia não tinha importância pra gente; 2) ela falava daqueles caras lá⁷ e não fazia diferença alguma. A gente se interessa por coisa mais atual, tipo os

⁶ Título do texto encontrado no livro didático utilizado para o ensino de Sociologia na escola. Bibliografia: BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Tempos Modernos, Tempos de sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

⁷ Refere-se aos clássicos estudados pela turma, Marx, Weber, Durkheim e Simmel.

grupos que vocês falaram. O professor também está falando agora, dos grupos sociais. Mais de cultura e não o que eles acham (os pensadores) ou como foi descoberta a Sociologia.

A postura desses estudantes de resistência - percebida desde o estágio -, em relação aos pensadores, pode ser compreendida também a partir da demonstração deles em querer ter um espaço para falar e não apenas ouvir e aceitar. Não pelas teorias em si, mas, talvez pela forma como fossem trabalhadas em sala.

É interessante como a Sociologia aparece em alguns momentos vinculada e relacionada de alguma forma a expressões/elementos que denotam uma concepção comportamental da disciplina. Um exemplo pode ser encontrado na categoria que aborda a sua importância, onde é colocado que a Sociologia serviria para entender e nos adaptar às leis e aos costumes da sociedade. Essa ancoragem poderia estar relacionada com os moldes da educação tradicional formal, assim como aquela considerada informal. Ambas influenciadas até mesmo pela Sociologia utilizada para fins morais/comportamentais, e que não teve ainda tempo e condições de se restabelecer e criar uma cultura, identidade, considerando-se também a sua intermitência nos currículos escolares.

Além de tudo isso, das questões educacionais envolvidas como as dificuldades dos professores e estagiárias em fazer a transposição didática, trabalharem em condições precárias, e do contexto social perceptível a partir da origem sócio-econômica-cultural desses estudantes, o fato de estarem em uma idade voltada para o interesse no trabalho e em temas como sexualidade contribui possivelmente para que tenham dificuldades em compreender esta disciplina que, para eles, é tudo, está em todos, e mesmo assim não é vista facilmente. Um exemplo desta dificuldade demonstrada por eles é a unanimidade quanto à irrelevância da Sociologia no trabalho, apontada na parte em que trata da importância da disciplina. Alguns desses aspectos também fizeram com que não tivessem muito interesse em participar da pesquisa demonstrando resistência de diversas maneiras, como por exemplo, demorar a responder às perguntas no grupo focal ou deixar em branco no questionário e até mesmo abster-se algumas vezes de se expressar.

Durante a dinâmica do grupo focal foi um pouco difícil conversar com a turma também porque a maioria não me conhecia, não tínhamos intimidade. Segundo o Professor de Sociologia responsável, naquele dia haviam faltado bastantes alunos dentre eles os mais participativos. Com o auxílio do Professor para gravar a dinâmica e também instigar o pessoal a participar, o desfecho da situação se modificou e se deu mais espontaneamente contribuindo para que alguns

dos que se omitiram para algumas perguntas iniciais, voltassem e as respondessem.

A Sociologia é, segundo eles, interessante e serve para pensar a sociedade, enxergar a realidade de fato, não sendo vista como forma de interferir no meio social a partir dessas reflexões que suscita. Uma estudante falou durante o grupo focal que a aula dada pelas estagiárias sobre movimentos sociais serviu para que pensasse melhor sobre a possibilidade de formar um grêmio e atuar na escola reivindicando melhorias coletivas. No entanto, até o momento essa possibilidade não foi colocada em prática e a dúvida sobre a efetividade de possíveis mudanças por meio desta alternativa foi aparente nas duas ocasiões. Este fato nos remete a parte do questionário na qual a maioria relatou não ter feito parte nem mesmo participar de movimentos sociais, pouquíssimos assinalaram que sim e os movimentos eram de origem religiosa.

Demonstraram considerar a importância da Sociologia no que se refere à reflexão sobre o meio social, mas o limiar entre o que é objeto de estudo desta área e de outras por vezes se confundem. A Filosofia e a História aparecem como definição da Sociologia e refletem outros aspectos percebidos durante as atividades, que talvez se expressem porque não tendo clareza sobre a identidade da Sociologia como ciência e disciplina escolar, buscam aproximá-la daquilo que é mais familiar para significá-la. A Filosofia por remeter comumente à reflexão, e a História por contemplar a importância da contextualização dos conteúdos escolares, ou ainda por ter temas/assuntos e autores que também se encontram presentes em épocas remotas assim como no presente.

A Sociologia parece ser bem aceita por eles por tratar de assuntos diferenciados da maioria das matérias e que estão relacionados também a informações, atualidades, extremamente valorizadas em um mundo globalizado, contemporâneo. Demonstraram se identificar com a disciplina também porque ela abre espaço para discutir assuntos considerados interessantes, mas pouco abordados na escola. Percebi nos contatos estabelecidos que a relevância atribuída vincula-se também a questões que vivenciam na sua vida social, afetiva, como exemplo a questão do preconceito racial e da desigualdade econômica.

Para exemplificar alguns elementos que compõem esta percepção voltaremos ao período de estágio, um desses contatos, em que foram ministradas aulas sobre as desigualdades sociais. Na ocasião os estudantes expressaram grande comoção durante as aulas em relação aos temas, por exemplo, sobre o preconceito racial, onde fizeram debates

calorosos ao se encontrarem em um júri simulado tendo que defender uma posição que não concordavam argumentando a favor da discriminação. Em outra situação uma estudante desabafou ao contar que já sofreu discriminação racial em uma loja de shopping. Quando o tema voltou-se para a questão econômica muitos demonstraram incômodo diante de pessoas de classe social mais elevada porque estas pessoas precisam afirmar sua posição social através de bens materiais, e por isso caberia chamá-los pejorativamente de “*playboy*” e “*patricinha*”. Em alguns desses momentos as discussões foram construídas a partir de charges, imagens e filmes levados para sala de aula.

Há certa dificuldade por parte deles em apontar e identificar onde se encontram no dia-a-dia os objetos de estudo desta ciência, entretanto, afirmaram ter preferência por uma Sociologia que alcance suas demandas cotidianas, ou seja, que discuta os diferentes tipos de grupos, culturas, a questão racial, a desigualdade econômica, etc. Em outros momentos fizeram relações, de maneira bem criativa, de conteúdo sociológico com a questão do discurso midiático, da falta de conhecimento da população em geral sobre a realidade, da política de Estado com vistas à proibição da maconha. Revelando o emaranhado de significações criadas para que, de suas maneiras, compreendam esta disciplina.

Muitas respostas dadas pareciam de alguma forma buscar agradar a quem as ouvia ou lia. No entanto, trata-se da relação que buscam construir com os professores e estagiários, uma vez que depositam nessa troca a possibilidade de estabelecer confiança, de falar sobre coisas que não costumam conversar com outros professores em outras disciplinas, e que por vezes os tocam profundamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se inicialmente que os estudantes possuem noções sobre a Sociologia, de modo que as representações sociais encontram-se permeadas de elementos científicos e de seu imaginário. Alguns aspectos relacionados à disciplina encontram-se confusos e distorcidos, mas para eles, parecem dar conta de suas necessidades. Consideraram-na importante e necessária para a compreensão do meio em que vivem, mesmo demonstrando dificuldades de identificá-la em diferentes momentos. Pode-se argumentar que o contexto da vida cotidiana desses estudantes, por se voltar para uma perspectiva de valorização do mundo

prático e produtivo, pode interferir pendendo para que a prática, mais do que a teoria e a abstração, seja valorizada.

Ao concluir esse estudo, registro que toda a experiência de pesquisa, os estudos, os contatos, sejam eles com os dados, o “olho no olho”, só reforçaram meu sentimento inicial de que precisava ir além da obrigação de cumprir exigências do currículo e vivenciar a prática de estágio supervisionado. Esta empreitada não foi simples, mas muito gratificante. Tudo o que encontrei – desde leituras às incertezas sobre a docência, e com quem me deparei, pessoas com as quais muito aprendi e aprendo – colaboraram para proporcionar o resgate de meu mais recôndito sentimento, a confiança, de que “Existem vozes que, por pouco que se saiba ouvi-las [...] nos indicam caminhos a seguir para restituir à vida seu sentido e sua esperança” (JODELET, 2001, p. 33).

Este estudo inicial não se esgota aqui, sendo cogitado o seu aprofundamento no futuro. Pretende-se com ele incentivar esta relação do contexto educacional com as representações sociais, no caso, daqueles estudantes, com vistas a contribuir para mudanças estruturais e institucionais no que tange os currículos, tanto de ensino fundamental como dos cursos de licenciatura.

“Estou de acordo [...] quando consideram que as representações sociais são formas de resistência aos poderes e aos saberes dominantes, e quando entendem que trabalhando sobre essas representações se pode reforçar o poder dos sujeitos. É reconhecer o poder instituinte do imaginário” (JODELET, 2011, p. 28).

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Angela. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes, et al. (Orgs.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa, UFPB, 2005. p. 229-255.

BRASIL. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2006.

CAZALS-FERRÉ, Marie-Pierre; ROSSI, Patrícia. As Representações Sociais. In: **Elementos de Psicologia Social** (M. de F. de Sá Correia, Trad.). Portugal: Porto Editora, 2007. p. 59-65.

FERNANDES, Florestan. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira. In: **A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 105-120.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

IANNI, Octavio. A sociologia numa época de globalismo. In: L. Ferreira (Org.). **A sociologia no horizonte do século XXI**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 13-25.

IANNI, Octavio. **O ensino das ciências sociais no 1º. e 2º. graus**. Cadernos CEDES, Campinas: Unicamp, vol. 31, n. 85, p. 327-339, set. - dez. 2011. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 17 agosto 2013.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

JINKINGS, Nise. **A Sociologia em escolas de Santa Catarina**. In: Revista Inter-Legere, Natal: UFRN, n. 9, jul. - dez. 2011. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/inter-legere.htm>>. Acesso em: 11 agosto 2013.

JODELET, D. Conferência de Denise Jodelet por ocasião do recebimento do título de doutor *honoris causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro. In: SOUSA, Clarilza Prado (Orgs), et al. **Representações sociais: estudos metodológicos em educação**. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2011. p. 11-33. (Coleção formação do professor; 5).

_____. Imbricações entre representações sociais e intervenção. In: MOREIRA, S. P.; CAMARGO, B. V. (Orgs.). **Contribuições para a**

teoria e o método de estudo das representações sociais. João Pessoa, UFPB, 2007.

_____. (Org.). Representações sociais: Um domínio em expansão. In: **As representações sociais.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-41. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/61566294/Representacoes-Sociais-Cap-01-Jodelet>>. Acesso em: 09 julho 2013.

LANE, Silvia T. M. Usos e abusos do conceito de Representação Social. In: Mary Jane P. SPINK (Org.). **O conhecimento do cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LORENZINI, Stefania Peixer; VIEIRA, Bruna Ramos. Relatório de estágio docente supervisionado em ciências sociais. Florianópolis, 2012. 53 p. Trabalho não publicado.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Cipriano Luckesi discute o futuro da avaliação. **Educação para o mundo**, Paraná, Ano XIII, n. 36, nov. 2004. p. 4-6. Disponível em: <http://www.escolainterativa.com.br/canais/12_marketing/revistas/IP_36.pdf>. Acesso em: 13 setembro 2013.

MADEIRA, M. C. Um aprender do viver: educação e representação social. In: MOREIRA, A. S. P. & OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social.** Goiânia: AB, 1998. p. 239-249.

MEKSENAS, Paulo. Questões ao professor. In: S. G. PIMENTA & J. C. LIBÂNEO (Coord.). **Sociologia.** 2. ed. ver. e aum. São Paulo: Cortez, 1994. p. 13-32.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PPP. Projeto Político Pedagógico da Escola de Educação Básica Getúlio Vargas. Comissão Pedagógica, 2006. Disponível em: <<https://skydrive.live.com/view.aspx?Bsrc=SkyMail&Bpub=SDX.SkyDrive&resid=DB637CA5856FA08C!299&cid=db637ca5856fa08c>>. Acesso em: 01 agosto 2013.

_____. Comissão Pedagógica, 2012.

SÁ, Celso P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Mary Jane P. SPINK (Org.). **O conhecimento do cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SPINK, Mary Jane P. (Org.). O estudo empírico das Representações Sociais. In: **O conhecimento do cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial.** Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, vol.9, n.3, 1993. p. 300-3008.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Este questionário, dirigido a alunos do ensino médio, é parte integrante de uma pesquisa sobre o ensino da Sociologia nas escolas da grande Florianópolis realizada por estudantes do curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFSC, para a disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências Sociais. Agradecemos sua colaboração!

Escola:

Turma/ano:

Período: () manhã () tarde () noite

Parte I – Sobre a disciplina de Sociologia:

1. Na sua opinião qual a importância da Sociologia na escola?
2. Você gosta das suas aulas de Sociologia? () sim () não Por quê?
3. O que você mais gostou de estudar nas aulas de Sociologia? Por quê?
4. Assinale o tema que você mais gostaria de estudar e discutir nas aulas de Sociologia. (É possível assinalar mais de uma alternativa).
 - () Sistema capitalista de globalização
 - () Cidadania e participação política
 - () Preconceito e discriminação social
 - () Trabalho
 - () Cultura e meios de comunicação
 - () Desigualdade social
 - () Movimentos sociais
 - () Ecologia e meio ambiente
 - () Estudos afros e indígenas
 - () Marx, Durkheim e Weber
 - () Educação
 - () Campo e Cidade
 - () América Latina
 - () Saúde, corpo e sexualidade

Outros:

Por quê?

5. Nas suas aulas de Sociologia que recursos didáticos tem sido utilizados? (É possível assinalar mais de uma alternativa).

<input type="checkbox"/> Trabalhos em grupo	<input type="checkbox"/> Palestras
<input type="checkbox"/> Quadro e giz	<input type="checkbox"/> Debates
<input type="checkbox"/> Filmes	<input type="checkbox"/> Data show
<input type="checkbox"/> Saídas de estudos	Outros:

Quais desses recursos ajudaram mais você na aprendizagem dos conteúdos?

Que recursos tornariam as aulas de Sociologia mais interessantes?

6. Que pensadores da Sociologia você já estudou?
7. Você acha que os estudos e as discussões realizadas nas aulas de Sociologia podem ajudar a compreender melhor os acontecimentos do seu dia-a-dia? De que forma e por quê?
8. Quais questões sociais estão presentes em seu dia-a-dia?

Parte II – Sobre a escola:

9. A quanto tempo (meses, anos) você estuda nesta escola?
10. Porque você escolheu esta escola? (É possível assinalar mais de uma alternativa).

<input type="checkbox"/> Pela localização	<input type="checkbox"/> Escolha dos pais
<input type="checkbox"/> Indicação de amigos	<input type="checkbox"/> Porque a considera uma boa escola
<input type="checkbox"/> Outros motivos:	

11. Porque você está cursando o ensino médio? (É possível assinalar mais de uma alternativa).

<input type="checkbox"/> Para garantir uma melhor localização no mercado de trabalho
<input type="checkbox"/> Para prestar vestibular
<input type="checkbox"/> Porque a família obriga
<input type="checkbox"/> Gosta de estudar
Outros. Especifique:

12. Quando você faz trabalhos de pesquisa você utiliza: (É possível assinalar mais de uma alternativa).

<input type="checkbox"/> Bibliotecas	<input type="checkbox"/> Material disponível em casa. Qual?
<input type="checkbox"/> Livros	<input type="checkbox"/> Internet
<input type="checkbox"/> Jornais e revistas	

13. Como você classifica a sua escola?

<input type="checkbox"/> Péssima	<input type="checkbox"/> Boa
<input type="checkbox"/> Ruim	<input type="checkbox"/> Ótima

() Razoável

Por quê?

14. Qual o papel da escola para a sociedade, na sua opinião?

Parte III – Perfil socioeconômico e cultural

15. Idade:

16. Sexo () masculino () feminino

17. Como você se considera?

() Pardo(a) () Branco(a)

() Indígena () Negro(a)

() Outro:

Essa definição é importante para você?

18. Você se identifica com alguma religião?

() Sim () Não

Qual?

Com que frequência você pratica a sua religião?

19. Estado civil: () Solteiro(a) () Casado(a)/União estável

() Separado(a) () Viúvo(a)

() Outro:

20. Tem filhos? () sim () Não

Quantos?

Com quem ficam quando você vai a escola?

21. Seu local de nascimento (cidade e Estado):

Se não nasceu em Florianópolis, a quanto tempo reside na cidade?

22. Local de moradia (nome do bairro):

A quanto tempo mora neste bairro (meses ou ano)?

Tipo de residência: () Imóvel próprio () Imóvel alugado

Quantas pessoas residem em sua casa?

Com quem você mora?

23. Como você vai para a escola?

() Carro () Ônibus () Carona () A pé

() De bicicleta () Outro. Qual?

Quanto tempo leva para chegar à escola?

24. Profissão dos pais ou responsáveis: (pode substituir pai e/ou mãe por outros responsáveis pela família, quando for o caso):

Mãe:

Pai:

25. Nível de formação/escolaridade dos pais ou responsáveis: (pode substituir pai e/ou mãe por outros responsáveis pela família, quando for o caso):

Pai

- ☐ Nunca frequentou a escola
- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino técnico
- ☐ Nível superior incompleto
- ☐ Nível superior completo
- ☐ Pós graduação

Mãe

- ☐ Nunca frequentou a escola
- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino técnico
- ☐ Nível superior incompleto
- ☐ Nível superior completo
- ☐ Pós graduação

26. Você trabalha? ☐ Sim ☐ Não ☐ Estágio
 Com que idade começou a trabalhar/estagiar?
 Que atividade você exerce?
 Local de trabalho/estágio (empresa, loja, etc.):
 Possui carteira assinada? ☐ Sim ☐ Não ☐ Estágio
 Quantos dias por semana e quantas horas de trabalho/estágio por dia?
 Ha quanto tempo está no emprego/estágio atual?
 Qual a sua remuneração (salário)?
 Você gosta do seu trabalho/estágio? ☐ Sim ☐ Não
 Por quê?
27. Você participou ou participa de algum movimento social (estudantil, comunitário, religioso, etc.) ou partido político?
☐ Sim ☐ Não
 Em caso positivo, qual o nome desse movimento ou partido político?
28. Você gosta de ler? O que você costuma ler mais? (marque de 1 a 5 conforme a frequência de sua leitura – sendo 1 para “leio muito” e 5 para “leio raramente”).
☐ Jornal ☐ Revista ☐ Livro
☐ História em quadrinhos (HQ)/Gibi/Mangá

- ☐ Sites na internet ☐ Não costumo ler
29. O que você faz no seu tempo livre (lazer)? (É possível assinalar mais de uma alternativa).
- ☐ Cinema ☐ Praia
☐ Esporte ☐ Assiste tv
☐ Viaja ☐ Balada
☐ Frequenta igreja ☐ Vai ao shopping
☐ Faz passeios ☐ Outros. Quais?
30. Você tem acesso á internet? ☐ Sim ☐ Não
Onde? (É possível assinalar mais de uma alternativa).
☐ Em casa ☐ Na escola
☐ No trabalho ☐ Lan house
☐ Outros. Qual?
Com que finalidade você utiliza a internet?
31. Você pensa em prestar vestibular? ☐ sim ☐ Não
Por quê?